

POR TODO O MUNDO EXISTEM SOLUÇÕES



AMANHÃ

UM DOCUMENTÁRIO DE
CYRIL DION E MÉLANIE LAURENT



CÉSAR 2016
Melhor Documentário

DOSSIER DE IMPRENSA

PRÉMIOS LUMIÈRE
NOMEAÇÃO
MELHOR DOCUMENTÁRIO

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

mars
FILMS

cinéma

francetélévisions

OCS
100% CINÉMA

afé

calibris
Les films

agrinergia

akuoenergy
Documentaires

HODI ONI

AP

mars
DISTRIBUTION

MEDIA

ICA
INSTITUTO DO CINEMA
E DA AUDIOVISUAL

LEOPARDO
FILMS

MOVE MOVIE E MARS FILMS APRESENTAM



AMANHÃ

UM DOCUMENTÁRIO DE
CYRIL DION E MÉLANIE LAURENT

2015 / FRANÇA / 1H58

DISTRIBUIÇÃO LEOPARDO FILMES
ESTREIA 21 DE JULHO

SINOPSE



E se mostrar soluções, contar uma história positiva, fosse a melhor forma de resolver as crises ecológicas, económicas e sociais que atravessam o nosso mundo? Após a publicação de um estudo que anuncia a possibilidade do desaparecimento da humanidade até 2100, Cyril Dion e Mélanie Laurent partiram com uma equipa de quatro pessoas, para investigar em dez países aquilo que poderá provocar esta catástrofe e, sobretudo, como evitá-la. Durante a sua viagem, encontraram pioneiros que reinventaram a agricultura, a energia, a economia, a democracia e a educação. Ao juntarem todas estas iniciativas positivas, eles começam a ver emergir aquele que poderá ser o mundo de amanhã...



CYRIL DION – REALIZADOR E AUTOR

Cyril Dion assina com Mélanie Laurent a sua primeira longa-metragem como realizador, *Amanhã* (2015). Após uma breve carreira como comediante, o artista dedica-se depois ao trabalho humanitário em várias organizações não-governamentais. Em 2007, cria com alguns amigos o movimento Colibris, que dirige até Julho 2013.

Em 2010, co-produz o documentário *Solutions locales pour un désordre global*, de Coline Serreau, centrado nos problemas ambientais que marcam o mundo contemporâneo e nas possíveis soluções para estes problemas. Este documentário ganhou o Prémio do Público no Festival Internacional de São Paulo. Com *Amanhã*, vence o César para Melhor Documentário.

MÉLANIE LAURENT – REALIZADORA

Mélanie Laurent é actriz, argumentista e realizadora, sendo uma das actrizes mais queridas do público francês. Em 2007, vence no Festival de Cinema de Berlim o Prémio Shooting Star e no mesmo ano ganha o César de Melhor Esperança Feminina, pela sua interpretação no filme *Je vais bien, ne t'en fais pas* (2006) de Philippe Lioret. Este mesmo filme valeu-lhe, também em 2007, o prémio Étoile d'Or como Revelação Feminina, atribuído pela Academia de Imprensa Francesa.

Para cinema, realiza duas curtas-metragens e duas longas. A primeira curta, *De moins en moins* (2008), integrou a Selecção Oficial do Festival de Cannes, onde competiu pela Palma de Ouro. Segue-se *Les Adoptés*, a sua primeira longa, que recebeu um Prémio Lumière. É com *Respira*, de 2009 e a sua segunda longa-metragem, que Mélanie Laurent chama a atenção internacional enquanto realizadora, ao apresentar uma história sobre a amizade entre duas adolescentes. *Respira* foi exibido no Festival de Cannes, sendo um dos candidato à Queer Palm. Nos prémios César, o filme foi nomeado na categoria de Melhor Esperança Feminina. Esta obra da actriz e realizadora francesa integrou ainda a Selecção Oficial do Festival de Toronto, e foi exibido no festival português FEST, onde ganhou o Prémio do Público.

No mesmo ano, pela sua interpretação em *"Inglourious Basterds"*, de Quentin Tarantino, foi considerada a Melhor Actriz pela Austin Film Critics Association, e foi também distinguida pelo Screen Actors Guild Awards, juntamente com o elenco do filme.

Com o muito aclamado *Amanhã*, Mélanie Laurent recebeu, juntamente com Cyril Dion, o César para Melhor Documentário.



ENTREVISTA COM CYRIL DION E MÉLANIE LAURENT

Como é que se encontraram? Como é que nasceu o projecto para este filme?

Cyril Dion: Remonta a 2011. Na altura, eu dirigia o movimento Colibris, que tinha co-fundado com o Pierre Rabhi e com alguns amigos. Organizámos uma operação intitulada “Todos Candidatos” com o objectivo de mobilizar o máximo de pessoas para a campanha presidencial em 2012.

Mélanie Laurent: Encontrei o Pierre Rabhi num jantar com a Danielle Mitterrand. Ele falou-me da campanha, dei-lhe o meu número, e o Cyril telefonou-me alguns dias mais tarde para participar nela. Eu levei o meu irmão, a minha mãe, os meus amigos, o meu namorado, a minha afilhada...

CD: Rapidamente, a Mélanie quis que eu lhe mostrasse iniciativas que “mudam o mundo”... Eu levei-a à quinta do Bec Hellouin na Normandia, com a Pierrine e o Charles Hervé-Gruyer (que filmámos em *Amanhã*). No caminho, demo-nos conta de que tínhamos muitos interesses em comum. Falei-lhe do projecto para um filme que nunca tinha chegado a concretizar. Uma coisa levou à outra, e eu pensei que precisávamos mesmo de fazer este filme juntos. Ela disse logo que sim e dedicou-se totalmente.

O filme parte de um estudo científico publicado em 2012 na revista Nature. Este estudo, bastante devastador, anuncia um colapso generalizado dos nossos ecossistemas, e portanto do fim das condições de vida estáveis na Terra...

CD: Eu comecei a escrever este filme em Dezembro de 2010. Na altura, já pensava que anunciar as catástrofes não seria suficiente. Era necessário propor uma visão para o futuro. Cada pessoa tem a necessidade de se projectar, um pouco como quando as pessoas sonham com as suas novas casas e fazem planos de arquitectura. Ora, os planos de arquitectura para a sociedade de amanhã não existiam. A minha intenção principal era transpor estes planos para um filme... Mas estava envolvido em demasiadas actividades diferentes para me dedicar seriamente a isso. Em Junho de 2012, tive um esgotamento. Um mês mais tarde, descobri o famoso estudo de Anthony Barnosky e Elizabeth Hadly. Nunca um estudo tinha tido tal efeito em mim. O meu próprio colapso encontrava-se com o colapso programado da sociedade. Disse para mim próprio que era altura de fazer aquilo que importava mais para mim e de meter este filme a andar. Demiti-me do meu cargo na Colibris e comecei a dedicar-lhe a maior parte do meu tempo.





ML: Li o estudo enquanto estava fora da cidade, fiquei em choque, passei o dia a chorar e amaldiçoei o Cyril por me ter mergulhado em tal desespero. Até à descoberta desse estudo, tratava-se “apenas” de fazer um filme positivo. De repente, tornou-se um filme necessário e isso foi um motor formidável. Na minha vida como atriz, tinha já vários trabalhos agendados, anulei alguns deles para poder me dedicar realmente.

Agricultura, energia, o filme aborda os temas clássicos da ecologia. Depois, de repente, conduz-nos para uma história mais global e fala-nos de economia, de educação, de política...

CD: Nós queríamos mostrar que tudo está ligado. Que não é possível tratar os problemas separadamente. A agricultura ocidental, por exemplo, está totalmente dependente do petróleo. Mudar de modelo agrícola, é também mudar de modelo energético. Mas a transição energética é cara, por isso é necessário abordá-la de um ângulo económico. Infelizmente, hoje em dia a economia é criadora de desigualdades e largamente responsável pela destruição do planeta, é preciso regulá-la democraticamente. Mas, para que uma democracia funcione, ela deve apoiar-se em cidadãos esclarecidos, que educámos para serem livres e responsáveis...

Amanhã é um filme entusiasta, ecológico e humanista?

ML: Não é um documentário ecológico, é um olhar sobre a sociedade tal como ela poderá ser amanhã... Chegámos bruscamente a uma época em que as pessoas já quase não se falam, não se encontram, estamos sempre a julgar os outros, deixou de haver empatia. Subitamente, o filme mostra-nos pessoas que agem em conjunto, que discutem questões em torno de framboesas. Estas iniciativas criam pequenas comunidades que estão muito longe do *cliché* das pessoas ecológicas enfiadas na sua cave. Era importante ter personagens com as quais nos identificássemos, e com as quais as pessoas se possam identificar.

CD: Nós queremos dar aos espectadores vontade de viverem naquele mundo, de ser como estes novos heróis que não são milionários, nem estrelas, mas são corajosos, belos, humanos... Pessoas normais que criam hortas, abrem superescolas... Depois de verem o Charles e a Perrine na sua luxuosa quinta em permacultura, mesmo o nosso produtor, que não tem um espírito propriamente camponês, teve vontade de ir cultivar legumes! O mesmo para o nosso distribuidor! Era esse o desafio.

ML: As pessoas não têm vontade de ser confrontadas com coisas assustadoras. No entanto, temos que enfrentá-las, não temos outra escolha. Então, para termos a força para reagir, temos necessidade de soluções, acessíveis, felizes... É por esta razão que mostramos todas estas pessoas que fazem com que não seja assim tão doloroso. Não é necessário largar tudo, mudar de vida, viver isolado numa quinta e esperar a autossuficiência... Todas as iniciativas apresentadas estão ao nosso alcance, nas nossas vidas, e podem ser postas em prática a partir de amanhã.

A narração de Amanhã é traçada a partir de um objecto de estudo. Mélanie faz de ingénua, Cyril de pedagogo. Também era importante ser didáctico, estudar todos os lados da questão?

CD: Não tenho a ideia de que sejamos apenas didáticos! O objectivo principal era contar uma história. Nós fomos muito influenciados por um ensaio de Nancy Huston, *L'espèce fabulatrice*, que mostrava a que ponto os seres humanos se constroem em torno de ficções individuais e colectivas. O mundo de hoje em dia nasceu em torno do mito do progresso, uma história à qual todos aderem. Estimular um novo impulso necessitava antes de mais de construir uma nova história. Daí o lado road-movie e todas as nossas aventuras em cada novo lugar. Depois, foi necessário tornar acessível e o mais simples possível assuntos muitas vezes áridos como a criação monetária...

ML: E para estarmos certos de chegar a esse ponto, tivemos conversas intermináveis ao preparar o filme. Eu dizia ao Cyril: “Vamos mesmo falar de economia?”. Ele respondia-me: “Sim, vais ver, é muito simples.” Então, ele explicava-me, e quando eu não entendia nada ele recomeçava, até àquilo que considerávamos ser um bom ângulo.

As iniciativas que vocês mostram são obviamente inspiradoras mas sejam realistas, elas não representam a profundidade do tema. Tendo em conta os desafios, elas não serão suficientes para evitar o famoso colapso previsto por tantos estudos como aquele que vocês citam.

CD: A nossa intenção não era fornecer uma resposta absoluta para evitar o colapso mas sim contar uma nova história. Contribuir, mesmo que de forma modesta, para a emergência de uma nova cultura, novas representações do mundo. Inicialmente, tínhamos a necessidade de mudar de imaginário e, em cada época, essa era a responsabilidade dos artistas (entre outros), de produzir livros, filmes, quadros, canções... que descrevem essas mutações.

ML: No final, essas iniciativas como a permacultura, as moedas locais, as energias renováveis, desenham um mundo possível. Aquilo que pode parecer desmotivante, é que não se trata de iniciativas isoladas, mas ao mesmo tempo elas podem ser reunidas! Existe já um mundo que está no caminho certo, onde tudo é possível. As soluções já estão disponíveis, em todos os amanhã, é obrigatoriamente inspirador!

CD: Os cépticos de hoje verão que, daqui a 20 ou 30 anos, assim que os recursos sejam cada vez mais escassos, que os refúgios climáticos serão ainda mais numerosos do que hoje em dia, que a produtividade agrícola caíra, que não haverá outra possibilidade senão mudar. Todas estas iniciativas vão no sentido da História, não temos escolha. Elas são as premissas de uma nova civilização e de uma nova cultura. Todos os nossos interlocutores nos falaram de resiliência. Como fazer no dia em que tudo mudar de figura? Como continuar a comer? Como produzir energia? Como fazer para que um mínimo da economia sobreviva? Estas questões preocupam pessoas que não se conhecem e que vivem em dez

países diferentes. Elas dizem-nos todas a mesma coisa. É um dos eixos mais fortes do filme: a diversidade, o desejo de autonomia, a criação, de comunidades humanas para entrar em acção.

Como é que se passou a repartição de tarefas entre vocês?

ML: Não foi feita logo! Inicialmente, andávamos um pouco a querer fazer tudo a dois. Mas depois aprendemos...

CD: De um ponto de vista operacional, a Mélanie tomou mais as rédeas da rodagem e eu da montagem. Para isso, cada um consultava o outro e enriquecia o seu trabalho. Dávamos indicações gerais e juntos validávamos o resultado.

ML: Eu concentrei-me na forma, na parte artística, nas imagens. Todas as noites, o Cyril explicava-nos o que íamos filmar no dia seguinte, as pessoas que íamos encontrar, o que ele queria que aquilo contasse. De seguida, com o Alexandre Léglise, o director de fotografia, cortávamos as sequências e reflectíamos sobre a melhor forma de colocar em imagens cada iniciativa, na sua especificidade. Na Escandinávia, por exemplo, usámos uma lente oscilante para obter desfoques suaves que acrescentavam uma dimensão onírica e poética. De uma forma geral, nós queríamos colar-nos à realidade e acrescentar-lhe alma, um toque artístico.

CD: Da minha parte, eu tinha o tempo e o espaço para estabelecer uma relação com aqueles que íamos filmar, preparar as entrevistas. Tínhamos necessidade de sentir, nas imagens, que tinha tido lugar um verdadeiro encontro, que estávamos a produzir algo de íntimo. Era preciso que tudo fosse vivo, que sentíssemos os locais, os ambientes. Não queríamos que as pessoas nos contassem aquilo que fazem, queríamos vê-las a fazê-lo. Por exemplo, na escola finlandesa, para lá da sua prática educativa, sentimos que as pessoas são felizes, que se passa lá algo de diferente.

ML: Filmámos as pessoas na sua vida e esperámos que se fizesse magia, sem encená-los. Na quinta do Bec Hellouin, pedimos logo ao Charles e à Perrine o seu programa para o dia, para filmar o que eles iriam fazer. Na Índia, acompanhámos as pessoas no seu





quotidiano. E era tudo tão belo que por vezes bastava colocar a câmara no exterior. A luz, as cores, já estava tudo lá...

A propósito, este filme não é simplesmente vosso, é também de milhares de pessoas...

CD: De 10.266 pessoas para ser exacto! Para iniciar o financiamento, lançámos uma campanha na plataforma de crowdfunding KissKissBankBank. Queríamos reunir 200 mil euros em dois meses. E conseguimos... em dois dias! E no final desses dois meses, tínhamos perto de 450 mil euros. É o recorde mundial de angariação de fundos para um documentário!

ML: O resultado ultrapassou os nossos maiores sonhos. A grande força de *Amanhã*, é que é também o filme de milhares de cidadãos que ajudaram a financiá-lo. Perto de um terço dos financiadores pediram que, em troca do seu donativo, fossem plantadas árvores. Para além disso, eles co-financiaram o filme sem pedir nada em troca. A operação foi um sucesso tão grande que tudo arrancou mais rapidamente.

CD: Depois chegaram outros parceiros (France 2, Orange Cinema Séries, a Agência Francesa de Desenvolvimento, a fundação AKUO, a rede Biocoop, a empresa de energia Enercoop, Veja, Léa Nature, Distriborg, Hodzoni, Féminin bio...). Nós queríamos que o financiamento também fosse "verde", tão coerente quanto possível. Com um orçamento de aproximadamente 1,2 milhões de euros, foi tudo possível. E o financiamento arrancou desta forma, o meu vizinho e amigo Christophe Massot deu-nos os primeiros 10 mil euros, que nos permitiram filmar as imagens do teaser e que de seguida nos permitiram juntar-nos à Mars Films. Era um terço das suas economias! Foi o início de uma bela história.

ML: Ao início, as pessoas com quem nos encontrávamos ficavam entusiasmadas com a ideia do filme mas não com a ideia de financiá-lo! Não é com um documentário que ganhamos dinheiro no cinema. Aqueles que nos acompanhavam, não sabiam o que iria acontecer, deram-nos uma confiança total. Paradoxalmente, nós tínhamos muita pressão! Chegámos à primeira rotação, em Detroit, na véspera da angariação de fundos. Estávamos todos

muito entusiasmados com o facto de termos angariado o valor pretendido em 48 horas e ao mesmo tempo, tínhamos não estar à altura das expectativas dos nossos mecenas.

Com Amanhã, é uma forma de esperanças que tiveram vontade de partilhar?

ML: A complexidade de tudo isto, é que está tão mau que estamos sempre perto de dizermos a nós próprios que nunca lá chegaremos. Fazer este filme encantou-me, conheci pessoas incríveis, acumulei um tal conjunto de saberes, tenho a ideia de estar mais aberto ao mundo. E por isso sou bastante mais radical com as pequenas coisas da vida. É tudo novo para mim de estar regularmente, instantaneamente triste. Por exemplo, quando passeio num parque e vejo lixo deixado por alguém que esteve a fazer um piquenique ou quando vejo pessoas atirarem as beatas dos cigarros para as plantas...

CD: Tenho ainda mais consciência do que antes que tudo se vai desmoronar, e nunca tive tanto medo como hoje. Mas tenho ainda mais vontade de acender pequenas chamas dentro das pessoas. Adoro ver o que o filme provoca naqueles que o vêem: ele toca qualquer coisa que não está longe da superfície e que dá vontade de fazer mil coisas úteis, de encontrar um sentido. Faltam no mundo iniciativas fáceis de meter em prática, e que dão ideias às outras pessoas. É o que dizem as nossas personagens, Mary e Pam, criadoras de comestíveis incríveis: é preciso começar na sua rua, no seu bairro, com os seus vizinhos, depois mobilizar os chefes das empresas, os agentes locais. Quando as pessoas começam a fazer alguma coisa, elas não páram, continuam, e mudam as suas ideias, experimentam e partilham. De metro, se segurarmos a porta a alguém que venha a seguir, em 99% dos casos, essa pessoa vai ajudar uma outra pessoa. E assim infinitamente. É isto que eu gosto. Nós já não estamos numa zona de conforto e é lógico que ainda não estamos numa zona de colapso. Nós estamos numa fase particularmente inspiradora: nós sabemos que é o momento de nos mobilizarmos. O ser humano já esteve na Lua, aboliu a escravatura, erradicou as doenças, as nossas capacidades são imensas, cabe a nós coloca-las ao serviço na da nossa sobrevivência e da nossa felicidade colectiva...

CRÍTICA



**“A QUALIDADE DAS IMAGENS E A CLAREZA DAS EXPLICAÇÕES
CONFEREM-LHE UM VALOR PEDAGÓGICO INEGÁVEL.”**

LE MONDE



“UM DOCUMENTÁRIO EXTRAORDINÁRIO E CHEIO DE ESPERANÇA.”

ELLE



TÉLÉRAMA

**“‘AMANHÃ’ ESTÁ CHEIO DE INICIATIVAS POSITIVAS. O FILME PROVA SOBRETUDO
QUE CADA UM DE NÓS PODE REALMENTE CONTRIBUIR PARA CRIAR O FUTURO.”**

NATIONAL GEOGRAPHIC



LE NOUVEL OBSERVATEUR

**“MESMO AQUELES QUE NEGAM A IMINÊNCIA DESTAS CATÁSTROFES
CONSEGUEM SER CONVENCIDOS POR ALGUMAS DAS IDEIAS MOSTRADAS AQUI.”**

THE HOLLYWOOD REPORTER

A EQUIPA DO FILME

Um filme de **CYRIL DION ET MÉLANIE LAURENT**

Argumento **CYRIL DION**

Produzido por **BRUNO LEVY**

Música Original **FREDRIKA STAHL**

Montagem **SANDIE BOMPAR**

Imagem **ALEXANDRE LEGLISE**

Correcção de Cor **JACKY LEFRESNE**

Som **LAURENT CERCLEUX**

Montagem Som **ALEXIS PLACE, ANTOINE BAUDOUIN**

Mistura **CYRIL HOLTZ**

Grafismo e animação **LA BRIGADE DU TITRE**

Chefe de Produção **ANTOINE BRETILLARD**

Directora de Produção **SYLVIE PEYRE**

Directora de Pós-Produção **ISABELLE MORAX**

Uma coprodução MOVE MOVIE, FRANCE 2 CINÉMA, MARS FILMS, MELY PRODUCTIONS Com o apoio de L'AGENCE FRANÇAISE DE DÉVELOPPEMENT e da LA RÉGION RÉUNION Em parceria com LE CNC Em associação com COLIBRIS, AGRINERGIA, HOZHONI JOHES SA, CHRISTOPHE MASSOT, APC – AFFAIRES PUBLIQUES CONSULTANTS Com a participação de FONDS DE DOTATION AKUO ENERGY OCS, FRANCE TÉLÉVISIONS E o financiamento participativo de 10 266 KISSBANKERS

Parceiros: COLIBRIS, L'AGENCE FRANCAISE DE DÉVELOPPEMENT, FONDS DE DOTATION AKUO ENERGY AGRINERGIA, HOZHONI, JOHES SAS, APC – AFFAIRES PUBLIQUES CONSULTANTS BIOCOOP, LEA NATURE, DISTRIBORG, YUMAN, ENERCOOP, FÉMININ BIO



